

Balanço Literário de 1998

Teatro

Ao receber o testemunho das mãos, ou do computador, de Maria Helena Serôdio, nesta corrida aliciante mas pouco fácil que implica o tratamento a níveis diversos de obras que permanecem, em muitos casos, numa situação de virtualidade, ao receber esse testemunho, dizia, posso verificar que se mantém a tendência, já assinalada por Maria Helena Serôdio, para uma maior e mais valorizada visibilidade do texto teatral português, tanto no que se refere à sua edição como à sua montagem em palco. Em comparação com o que acontecia em anos ainda recentes, parece-me lícito sublinhar as enormes diferenças que se registam nesse campo.

Quando medito sobre o significado e sobre o papel jogado pelo texto dramático, tenho em conta não só o texto publicado e porventura representado, o texto apenas publicado ou apenas representado, o texto escrito mas inédito, tanto na sua versão literária como teatral. Tenho, por outro lado, em conta as manifestações metadramáticas que envolvem a obra teatral nas suas várias facetas: caso da obra traduzida, o que implica a intervenção de uma outra ou outras línguas, incluindo a nossa, com o que isso possa ter de criativo, assim como outros níveis de intervenção: o trabalho de adaptação, de dramaturgia, a apetência por um

trabalho de improvisação, o que torna mais apertada a relação do texto com o espectáculo, a conexão entre o texto teatral e a «performance», com as inevitáveis influências de diversas linguagens artísticas, o que enriquece a presença do teatro como

realidade de escrita, para alguém ou para além da criação teatral.

Um balanço como este não é, naturalmente, compatível com este carácter polissémico do teatro que, como é evidente, não deve ser esquecido.

*

No que se refere à presença em palco de textos de autores portugueses, em especial contemporâneos, é indispensável assinalar as dificuldades que esses textos continuam a encontrar para se transformar em teatro vivo. Não deixa, no entanto, de ser curioso o facto de duas dessas peças serem das mais interessantes deste percurso, e duplamente interessantes, como obras pertencendo ao domínio da literatura dramática e como obras teatrais, representadas em palco. Refiro-me a *O Estranho Caso do Trapezista Azul*, de Mário Cláudio ⁽¹⁾, cujas potencialidades cénicas são evidentes e foram demonstradas em palco. Retrato de uma família da alta burguesia, a peça de Mário Cláudio constitui, na força da sátira e na beleza da escrita, uma obra excepcional.

Em termos mais modestos, a peça de João Santos Lopes, *Às Vezes Navega em Abril*, que obteve o Grande Prémio do Teatro Português ⁽²⁾, é exemplar como opção por uma ou-

tra abordagem da realidade, tanto no que se refere a diversos problemas da sociedade em que vivemos como à sua passagem a estrutura teatral. Entre o excesso que atinge o surreal em que Mário Cláudio investe o retrato realista assinado por João Santos Lopes, não há que escolher: ambos são indispensáveis, ambos nos enriquecem.

No que se refere a peças (ainda) não representadas, lembremos alguns títulos suficientemente interessantes para reivindicarem esse direito. Caso da peça de **Luiz Francisco Rebello**, que após tantos anos sem publicar textos dramáticos, voltou com duas obras: *Todo o Amor é Amor de Perdição*, já de 1994, e agora este *A Desobediência* (3), o drama do cônsul Aristides Sousa Mendes, protagonista de uma tão bela história de amor pela humanidade, a quem milhares de judeus ficaram a dever a vida na 2.ª guerra mundial. Modelo de um espírito de solidariedade que o fascismo naturalmente não perdoou, Aristides Sousa Mendes é, ao mesmo tempo, uma personalidade histórica incontornável e uma personagem teatral que sobreviveu na sua fragilidade. Por isso se entende a importância do trabalho dramaturgico de Luiz Francisco Rebello.

Depois de ter publicado em 1997 dois grossos volumes com o seu *Teatro Completo*, **Jaime Salazar Sampaio**, como era inevitável, logo contestou esse título, publicando, um ano depois, um novo volume com um título que joga com o anterior, *Teatro, Ainda* (4) que inclui quatro textos. Textos, na sua maioria, breves como é apanágio do autor, cada um deles prospeccionando as emoções discretas, os sinais de cuja visibilidade o autor cuida, aquela espécie de ironia que torna o seu discurso o teatro que o leitor acaba por fazer seu. O volume inclui um prefácio de Luiz Francisco Rebello e uma entrevista com o autor conduzida por Ana Maria Ribeiro, além de uma bibliografia. Tenho-me referido, em especial, neste Balanço da drama-

No que se refere à presença em palco de textos de autores portugueses, em especial contemporâneos, é indispensável assinalar as dificuldades que esses textos continuam a encontrar para se transformar em teatro vivo.

turgia portuguesa de 98 a peças de autores que pertencer não, apenas à história do teatro português, em termos genéricos, como a história da criação em palco.

Um outro autor faz parte deste domínio, surgindo aqui para alguma surpresa do leitor (e do espectador), habituado a ligar o respectivo nome ao teatro de revista e à novela televisiva. Refiro-me a **Francisco Nicholson** que, num volume publicado em 1998, demonstrou que é indispensável superar preconceitos desses. Trata-se de *Pátrias* que inclui as peças em um acto *O Lixo e A Catacumba* (5).

A primeira peça, que dá o título ao volume, é marcada por uma dramaticidade mais densa, pesquisa de memórias essenciais, como as da guerra colonial, implicando a presença em Nicholson de um dramaturgo que importa estimular. A base, de algum modo, estereotipada em que o drama assenta, não lhe retira energia dramática e realidade humana.

Conhecido como actor, em especial pelo seu trabalho no grupo Comuna, **Abel Neves** viria a revelar-se como dramaturgo e romancista. Em 98 publicou um volume com três peças, *Atlântico*, *Finisterrae* e *Arbor Mater* (6), que o autor considera como compondo aquilo a que chama ciclo simbólico para o Teatro. Textos, parcialmente em verso, estas obras de Abel Neves integram-se em projectos musicais, drama musical (*Atlântico*), liberto para ópera (*Fi-*

nisterrae), *Terra*, texto teatral representado na Comuna e não incluído neste volume, e *Arbor Mater*, que encerra o ciclo. Esta obra divide-se em vários actos que incluem, igualmente, música e canto. Obra de carácter bíblico como em parte as restantes, a proposta de Abel Neves parece escapar aos modelos dramáticos geralmente assumidas numa tentativa de difícil valorização do jogo religioso e teatral.

É também na área de um teatro que procura uma interpretação do mundo e da humanidade que se situa o teatro de **Carlos J. Pessoa**. O que singulariza o percurso deste autor é o carácter total das suas propostas. Fundador e director de um grupo já com dez anos de existência, o Teatro da Garagem, é dramaturgo, encenador e ainda actor, numa multiplicidade de tarefas que distinguem a sua presença no nosso teatro.

Este volume — *Pentateuco — Manual de Sobrevivência para o Ano 2000* (7) é constituído por cinco peças, também elas reunidas em ciclo. Nestas peças, personagens e situações constituem percursos teatrais que exprimem um imaginário surpreendente. Pode pôr-se em causa a absurdidade que marca esse imaginário mas este não deixa de revelar uma grande capacidade inventiva, no seu humor, na sua fantasia, no jogo teatral em que assenta e que distingue o trabalho dramaturgico do autor.

Ainda na área do texto dramático da responsabilidade do criador

teatral, assinalemos *O Picas, de Mário Botequilha*, outro texto à procura de um universo do absurdo no que tem de contraditório, expressão de uma conflitualidade que se auto-ironiza⁽⁸⁾.

*

Manuel Córrego escreveu *O Testamento do rei D. João Segundo* (Evocação em dois Actos), com que obteve o Grande Prémio INATEL/98. Com esta peça regressamos ao teatro de carácter histórico, tão da preferência dos nossos dramaturgos⁽⁹⁾. Nesta evocação do Rei será justo salientar as evidentes características teatrais do diálogo que desse modo ajuda a tornar verosímeis tanto as múltiplas personagens em cena como as situações por elas representadas. Aliás, D. João II é uma das figuras da história de Portugal que mais atraem os nossos dramaturgos. Além da peça de Manuel Córrego, assinale-se ainda uma outra peça, esta de João Osório de Castro, com o título *D. João II*⁽¹⁰⁾. Trata-se de uma obra dramática na qual os elementos históricos se conjugam com os elementos humanos e uns e outros com os elementos teatrais, em especial no que diz respeito ao carácter dialógico da obra. Ainda no campo do teatro histórico, embora num registo bem diferenciado, assinalemos a peça de Helena Almeida Pimenta com o título *Joana d'Arc ou o Jogo das Sombras*⁽¹¹⁾. Não deixa de ser surpreendente esta opção por uma figura situada tão longe do nosso universo histórico e humano, embora se entenda o que nela possa haver de fascinante. Foi o percurso dessa personagem no que teve de heróico e doloroso que provavelmente interessou à autora, numa proposta de certo modo prejudicada pelo convencionalismo que, neste caso como noutros casos, assinala o drama.

De Raul Malaquias Marques, assinalemos *O Ensaio do Fim* (Jeu de Massacre em cinco quadros), Pré-

mio — Teatro em Um Acto do Concurso INATEL/98⁽¹²⁾. Um actor e uma actriz representam uma vida sob a direcção do Outro (o encenador). Ou de como interpretar o que está no papel. Ou não está. A morte — nos gestos de dois adolescentes.

Encontramos resquícios da guerra colonial na peça em um acto de António Faria, *Fumos de Glória*⁽¹³⁾, no drama de um cego e da mulher que o odeia. A peça termina com um longo poema sobre a guerra dito pelo homem enquanto morre.

Registemos ainda nesta área do teatro sem palco uma peça de José Jorge Letria, com o título *Mataram o Che*, num volume que inclui ainda *Piaf, A Senhora da Agonia* e *A Mazurka do Adeus*⁽¹⁴⁾. A peça sobre o Che é constituída essencialmente por um longo monólogo no qual a personagem evoca a sua vida, as suas lutas, a história de que foi um dos protagonistas. O monólogo é completado por um diálogo no qual dois mendigos manifestam a sua incompreensão do herói e do mito.

Piaf, A Senhora da Agonia, mostra-nos a grande cantora a falar de si, da sua vida e da sua morte através de um longo monólogo que termina com o fim dela. É também da morte, naturalmente, que fala a terceira peça do volume. Em *A Mazurka do Adeus* é de Choppin que se fala, da sua música e da sua agonia, em primeiro lugar ainda através de um monólogo enriquecido pela intervenção de algumas personagens.

Ainda de Letria um outro volume que inclui as peças: *Epílogo em Ialta*, *Adiós Muchachos* (*A Última Noite de Carlos Gardel*), *Milena de Praga e Frida e a Casa Azul*⁽¹⁵⁾. Quatro textos, dos quais três monólogos, cada um deles pondo em confronto ou evocando a memória de personagens reconhecíveis. Com cada uma delas, Letria procurou proceder à escrita de um discurso que tem a ver com o fim ou com o desastre. Dir-se-ia, no entanto, que o excesso de trabalho prejudica, nestas e noutras obras, a energia, a carga imaginativa, a qua-

lidade da escrita que me parecem exigíveis a um autor como José Jorge Letria.

*

A Perfídia (Amor ou Razão) é um drama passionnal de Pires Sousa⁽¹⁶⁾. Trata-se de uma daquelas peças como já não se usam, três actos bem reduzidos, personagens, situações, conflitos excessivamente convencionais. Patrícia Portela publicou *Operação Cardume Rosa*⁽¹⁷⁾, um texto, como muitos outros, que só funciona como matéria cénica e mesmo assim neste caso é muito duvidoso.

Ah! Mõnim dum Corisco, um texto de Onésimo Teotónio de Almeida⁽¹⁸⁾, um conjunto de peças breves, cada uma delas com o seu humor, a sua especificidade, o seu jogo linguístico que é por si só um achado. A riqueza da linguagem é talvez mais interessante que a proposta teatral.

Em *Praia Ocidental*, Eduardo Freitas satiriza, com humor e originalidade, a crise da habitação, numa peça que espera um palco divertido apesar de sua morbidez gozada⁽¹⁹⁾.

Tentado pelo teatro e ainda bem, Almeida Faria adoptou o seu romance *A Paixão em Vozes da Paixão*⁽²⁰⁾. Em verso livre que se lhe impôs, como diz, *Vozes da Paixão* é sobretudo uma admirável criação do escritor, o que não surpreende se nos lembrarmos do facto de estarmos em presença de um grande criador literário.

Sá Flores publicou *A Ira dos Usados*⁽²¹⁾, tentativa de levantar, em termos que recusam excessos, a problemática da guerra colonial, de que foi vítima. A peça passa sobretudo pela reacção dos que sofreram as consequências de uma guerra que não quiseram e pelo que houve de injusto nessas consequências.

*

Jaime Rocha, jornalista, ficcionista, dramaturgo e poeta volta ao teatro com um volume que inclui as peças *O Construtor*, seguido de *Quinze Minutos de Glória* e *O Terceiro Andar* ⁽²²⁾, textos fortes, próximos do expressionismo, que correm o risco de se auto-destruírem pelos seus excessos. Trata-se, no entanto, de um teatro que merece a experiência da prática cénica para que o próprio autor melhor possa medir as suas potencialidades propriamente teatrais. Um aspecto curioso desta dramaturgia consiste na relação entre as personagens e os conflitos que têm a ver com o que acontece hoje.

Agustina Bessa Luís, para continuarmos com uma escrita menos de drama e mais de literatura, surge aqui com a peça *Garrett, o Eremita do Chafaz* ⁽²³⁾. Trata-se, como se imagina, de uma visita, razoavelmente superficial, à vida e à obra de Garrett que o 2.º Centenário justificaria, se fosse necessário. O que se pode dizer, salvo erro, é que Garrett não está a ter muita sorte, isto se tivermos em conta o que na peça de Agustina Bessa Luís não ultrapassa o nível do anedótico, mesmo que aqui e ali, Agustina consiga, à sua maneira, utilizar um humor que opera com alguma produtividade.

Vicente Sanches que Manoel de Oliveira celebrizou com a farsa *O Passado e o Presente* surge na história da dramaturgia de 98 com a mais viva e a mais representada das suas peças, *A Birra do Morto*, num volume que inclui *Promissão do Quinto Império* e *Metáfora* ⁽²⁴⁾. Salvo erro, é a primeira vez que Vicente Sanches surge sem ser em edição do autor, o que comprova a projecção que merecidamente conquistou e também a coragem do editor, confirmando, aliás, a edição anterior de *Grupo de Vanguarda*, outra das mais interessantes peças do autor.

Excepção neste panorama, uma peça de Manuel António Pina para públicos mais jovens: *Aquilo que os*

Parece óbvio que 1998 foi um ano fértil na edição de obras de e sobre teatro. Essa quantificação representa na história do teatro português contemporâneo um valor a ter em conta, mesmo que se possa pôr em causa a sua valorização.

olhos vêem ou o Adamastor ⁽²⁵⁾. As aventuras, até à morte, dos que, os mais humildes, foram por esses mares fora.

*

Luiz Francisco Rebello organizou um volume com peças em um acto que merece ser tido em conta. Trata-se de *Teatro Português em Um Acto* (1900/1945), obra preciosa que dá a conhecer algumas pequenas obras-primas praticamente desconhecidas, pondo-as ao alcance dos interessados, nomeadamente grupos de amadores, um conjunto de textos dramáticos que mereciam ser recuperadas do limbo ⁽²⁶⁾. Autores conhecidos, como Marcelino Mesquita, Manuel Laranjeira, Raul Brandão, Almada Negreiros, entre muitos outros, juntam-se a um grande número de autores praticamente ignorados.

Nas Obras Completas de Jaime Cortesão foi editado o *Teatro* daquele historiador, num volume que inclui as peças *O Infante de Sagres*, *Egas Moniz* e *Adão e Eva*, precedidas por um prefácio de Luiz Francisco Rebello ⁽²⁷⁾. Trata-se de obras sobejamente conhecidas embora provavelmente esquecidas, pelo menos no âmbito da historiografia do género.

Nessa área, a mais importante iniciativa editorial teve a ver com a edição do *Teatro Completo* de Carlos Selvagem que inclui peças inéditas. Introdução, pesquisa e análise

crítica de Duarte Ivo Cruz, na Biblioteca de Autores Portugueses ⁽²⁸⁾.

Bibliografia passiva

A bibliografia passiva de 1998 foi especialmente significativa, pelo menos em termos qualitativos.

José Oliveira Barata publicou um volume da sua *História do Teatro em Portugal* ⁽²⁹⁾, referente ao século XVIII, centrado em António José da Silva (O Judeu). Continuando a manifestar o seu interesse pela obra do grande dramaturgo que a Inquisição vitimou, e de quem é o grande especialista, José Oliveira Barata lançou com esta obra, como escreve no prefácio, «a reformulação da dissertação do doutoramento que em 1985 (apresentou) em provas públicas na Universidade de Coimbra». Nesta obra, vasta e profunda, Barata contextualiza com segurança e rigor a vida e a obra de O Judeu, analisa o teatro de então, relaciona António José da Silva com Calderón, ou seja, amplia produtivamente os sinais da criatividade do grande autor português. Uma larga bibliografia completa este indispensável estudo de José Oliveira Barata.

Um outro grande escritor português foi motivo de um trabalho ensaístico de grande fôlego. Refiro-me à obra de Eugénia Vasques, *Jorge de Sena — Uma Ideia de Teatro* (1938-71) ⁽³⁰⁾. Trata-se também aqui de um projecto universitário através

do qual a autora percorreu o itinerário, mais rico do que se pensa, do teatro português do nosso tempo. Essencial, nesta obra, é o reconhecimento da importância do escritor Jorge de Sena no que se refere à área do teatral, pondo legitimamente em causa a abordagem do teatro por Jorge de Sena como uma prática menor.

Resultado de um aturado trabalho de investigação, *Jorge de Sena — uma Ideia de Teatro* propõe em termos polissémicos uma afirmação teatral, tanto sob o ponto de vista criativo como crítico, cuja importância me parece evidente.

Maria Helena Serôdio é, sem dúvida, a grande especialista em Portugal do teatro de Shakespeare. Comprova-o uma vez mais com a obra que publicou com o título *William Shakespeare — A Sedução dos Sentidos* ⁽³¹⁾. Embora datada de 1996, só agora este estudo chega às nossas mãos, mantendo, no entanto, uma perfeita actualidade, numa abordagem do genial dramaturgo inglês que permite um conhecimento mais profundo da sua obra.

O estudo de Maria Helena Serôdio abre um vasto leque de temas referentes à obra de Shakespeare, evidenciando o que nessa obra opera como criatividade dramática e teatral, como singularidade do que é a sua presença, ou seja, ao mesmo tempo, a sua poética e a sua política, a história de que nos fala e as histórias que nos conta em forma teatral.

Shakespeare é justamente considerado o maior dramaturgo de todos os tempos (designação, aliás, discutível), o estudo tão bem estruturado assinado por Maria Helena Serôdio contribui para credibilizar esse juízo.

Maria de Fátima Sousa e Silva coordenou uma vasta equipa de especialistas na realização da obra *Representações do Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo* ⁽³²⁾. Trata-se de uma súmula de depoimentos sobre a apresentação de peças do teatro clássico no teatro português, incluindo o teatro de ópera, por um

lado, e peças oriundas de outros países, como o Brasil (caso de *Um Deus dormiu lá em casa*, de Guilherme de Figueiredo), por outro. O volume integra vasta informação nessa área que poderá interessar os estudiosos do tema.

Fernando Augusto publicou um pequeno volume subordinado ao título *Um Pequeno Mago com um Chapéu na Cabeça*, no qual traça o perfil de Francisco Ribeiro (Ribeirinho), actor e encenador que desenvolveu parte da sua actividade no Teatro da Trindade ⁽³³⁾. Entre a biografia e o ensaio, esta obra acaba por ser o panegírico de um homem de teatro que tem a sua importância na história do teatro português do século xx, embora possamos considerar, pelo menos, discutíveis algumas das suas opções, tanto sob o ponto de vista do criador como do produtor teatral.

*

Registemos ainda obras que enriqueceram a bibliografia passiva do ano teatral. No capítulo de obras dedicadas ao estudo de grupos de teatro em actividade, assinalemos: *Comuna — Teatro de Pesquisa — 25 Anos — 1972/1997* ⁽³⁴⁾. Trata-se de uma obra graficamente muito cuidada coordenada por vários elementos que fazem parte do elenco actual do grupo. Desde o breve manifesto datado de 1 de Maio de 1972 até documentos da actualidade, esta obra traça o itinerário diversificado e criativo de um dos principais grupos do teatro independente, nascido com João Mota e Carlos Paulo, figuras que se mantêm incontornáveis na história do grupo, embora só o primeiro nela se mantenha.

Também o grupo portuense Pê de Vento, especialmente consagrado ao teatro para crianças, publicou *Memória dos Dezoito Anos*, a história do grupo composta por excertos de textos publicados na Imprensa, assim como fotografias, ajudando-nos a conhecer a prática do grupo funda-

do por João Luís, seu principal encenador ⁽³⁵⁾.

O jornalista José Gomes Bandeira publicou *Rivoli — Teatro Municipal (1913-1998)*, a que chama Breve história de 85 anos de espectáculos e acção cultural ⁽³⁶⁾. Também este álbum belamente ilustrado nos ajuda a melhor conhecer uma sala portuense, nas áreas da sua actividade, teatro, música e cinema.

*

No que se refere a história de actores, lembremos *Mário Viegas*, um álbum editado pela Cinemateca Portuguesa ⁽³⁷⁾, embora o teatro nele ocupe um lugar especial. Este livro ajuda-nos a recordar aquele que foi um dos mais criativos actores e encenadores do teatro português que a morte levou demasiado cedo.

Retirada da actividade, Dalila Rocha recebeu com toda a justiça uma homenagem daquele que foi o seu primeiro grupo, o CCT/TEP, com o apoio da Fundação Eng.º António de Almeida ⁽³⁸⁾. Com coordenação de Júlio Gago e fotografias do grande fotógrafo de teatro que é Fernando Aroso, este álbum, no 45.º aniversário da estreia de Dalila Rocha, veio lembrar que surgiu no Porto, nos anos 50, aquela que viria a ser uma das maiores actrizes portuguesas.

Fotografias de Actores ⁽³⁹⁾ — vale a pena passar os olhos pelo pequeno volume de fotografias de João Silveiro Ramos, que traz aos nossos olhos, na sua maior parte, os rostos de algumas e de alguns dos nossos actores e actrizes das novas gerações.

*

Parece óbvio que 1998 foi um ano fértil na edição de obras de e sobre teatro. Essa quantificação representa na história do teatro português contemporâneo um valor a ter em

conta, mesmo que se possa pôr em causa a sua valorização. O tempo ajudar-nos-á a entender o significado, a projecção e a importância das obras em questão. ▼

Notas

(¹) Mário Cláudio, *O Estranho Caso do Trapezista Azul*, Ed. Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote, Lisboa.

(²) João Santos Lopes, *Às Vezes Neva em Abril*, Ed. Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote, Lisboa.

(³) Luiz Francisco Rebello, *A Desobediência*, Ed. Campo das Letras, Porto.

(⁴) Jaime Salazar Sampaio, *Teatro, Ainda*, Ed. Hugin, Lisboa.

(⁵) Francisco Nicholson, *Pátrias*, Ed. Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote, Lisboa.

(⁶) Abel Neves, *Atlântico*, Ed. Cotovia, Lisboa.

(⁷) Carlos J. Pessoa, *Pentateuco — Manual de Sobrevivência para o Ano 2000*, Ed. Cotovia/Instituto Português das Artes do Espectáculo, Lisboa.

(⁸) Mário Botequilha, *O Picas*, Ed. Policopiada, Lisboa.

(⁹) Manuel Córrego, *O Testamento do Rei D. João Segundo*, Evocação em dois Actos, Ed. INATEL, Lisboa.

(¹⁰) João Osório de Castro, *D. João II*, Ed. ELO, Lisboa.

(¹¹) Helena Almeida Pimenta, *Joaquim d'Arc ou o Jogo das Sombras*, Ed. Vega, Lisboa.

(¹²) Raul Malaquias Marques, *O Ensaio do Fim* (jeu de massacre em cinco quadros), Ed. INATEL, Lisboa.

(¹³) António Faria, *Fumos de Glória*, Ed. Colibri, Lisboa.

(¹⁴) José Jorge Letria, *Mataram o Che*, Ed. Notícias Editorial, Lisboa.

(¹⁵) José Jorge Letria, *Epílogo em Alta e outras peças*, Ed. Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote, Lisboa.

(¹⁶) Pires Sousa, *A Perfidia (Amor ou Razão)*, Ed. do Autor, Lisboa.

(¹⁷) Patrícia Portela, *Operação Cardume Rosa*, Ed. Fenda, Lisboa.

(¹⁸) Onésimo Teotónio Almeida, *Ah! Mõnim dum Corisco!...*, Ed. Salamandra, Lisboa.

(¹⁹) Eduardo Freitas, *Praia Ocidental*, Ed. Campo das Letras, Porto.

(²⁰) Almeida Faria, *Vozes da Paixão*, Ed. Caminho, Lisboa.

(²¹) Sá Flores, *A Ira dos Usados*, Ed. Trinova Editora, Lisboa.

(²²) Jaime Rocha, *O Construtor*, Ed. Sociedade Portuguesa de Autores/Publicações Dom Quixote, Lisboa.

(²³) Agustina Bessa-Luís, *Garrett o Eremita do Chiado*, Ed. Guimarães Editores, Lisboa.

(²⁴) Vicente Sanches, *A Birra do Morto*, Ed. Cotovia, Lisboa.

(²⁵) Manuel António Pina, *Aquilo que os Olhos vêem ou O Adamastor*, Figurinos de Susanne Rosier, Ed. Campo das Letras, Porto.

(²⁶) *Teatro Português em Um Acto*, organização de Luiz Francisco Rebello, Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

(²⁷) Jaime Cortesão, *Teatro*, Ed.

Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

(²⁸) Carlos Selvagem, *Teatro Completo* (2 volumes), Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa.

(²⁹) José Oliveira Barata, *História do Teatro em Portugal* (séc. XVIII), António José da Silva (O Judeu) no palco Joanino, Ed. Difel, Lisboa.

(³⁰) Eugénia Vasques, *Jorge de Sena — Uma Ideia de Teatro* (1837/71), Ed. Cosmos, Lisboa.

(³¹) Maria Helena Serôdio, *William Shakespeare — A Sedução dos Sentidos*, Ed. Cosmos, Lisboa.

(³²) Maria de Fátima Sousa e Silva (coordenação), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Ed. Colibri/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

(³³) Fernando Augusto, *Um pequeno Mago com um Chapéu na Cabeça*, Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Teatro da Trindade, Ed. INATEL, Lisboa.

(³⁴) *Comuna — Teatro de Pesquisa — 25 anos — 1972/1997*, Ed. Comuna, Lisboa.

(³⁵) *Memória dos dezoito Anos*, Ed. Pé de Vento, Porto.

(³⁶) José Gomes Bandeira, *Rivoli, Teatro Municipal (1913-1998)*, Ed. Afrontamento/Câmara Municipal do Porto, Porto.

(³⁷) *Mário Viegas*, Ed. Cinemateca Portuguesa, Lisboa.

(³⁸) *Dalila Rocha — Homenagem* (coordenação de Júlio Gago), Ed. Fundação Eng.º António de Almeida, Porto.

(³⁹) João Silveira Ramos, *Fotografias de Actores*, Ed. Ministério da Cultura/CCB.